

INSTRUMENTOS DO TRABALHO DIDÁTICO NA NOVA ARTE DE ENSINAR DE RATKE: UM PROJETO CONSTITUÍDO PARA A REFORMA DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE

*Instruments of didactic work in Ratke's new teaching method:
a project formulated to reform education and society*

Sandino Hoff*

RESUMO

O tema deste artigo são as funções sociais atribuídas aos instrumentos didáticos por Wolfgang Ratke (1571-1635) em sua Nova Arte de Ensinar. Elas se solidificam no ensino por meio de manual, livro, livro de leitura, livro de ensino, livro escolar, guia, compêndio e tabela. Este texto analisa o conceito de Didática e os conceitos básicos de Ratke que põem em evidência uma organização do trabalho didático, em que a objetivação do trabalho convive com a subjetividade docente. Conclui afirmando que os manuais didáticos, definidos por Comenius (confeccionado de tal forma que contém tudo o que o professor necessita para sua aula), não estão totalmente presentes nos recursos didáticos ratiquianos. A maior parte dos livros escolares do didático alemão apresenta-se como um guia, útil para fornecer ao professor um fio condutor (“*Leitfaden*”), no intuito de a subjetividade do mestre-do-ensino organizar o trabalho didático.

Palavras-chave: Organização do Trabalho Didático; Educação Moderna; Livros Escolares.

ABSTRACT

The theme of this paper is the study of social functions assigned to teaching tools by Wolfgang Ratke (1571-1635) in his New Art of Teaching. Teaching resources are presented as: manual, book, reading book, textbook, guide, compendium and table. The text analyses basics concepts of Ratke which evidence an educational organization of work, living in subjectivity of the individual and the objectification of teaching. The text concludes that the educational manual defined by Comenius, (made in such a way that it contains everything what the teacher needs for his classroom), is not totally present in the educational resources of Ratke. Most of the school books of the author present itself a guide, usefulness to supply with a teacher a connecting thread (“*Leitfaden*”), in the intention of the subjectivity of the master of the teaching to organize the educational work.

Keywords: Didactic Organization of Work, Modern Education, Ratke’s School Books.

A Nova Arte de Ensinar, de Wolfgang Ratke, (1571-1635) surgiu na época em que, na produção material, floresceram as manufaturas e se estabeleceu em moldes da divisão do trabalho. Instituiu a relação educativa com um professor a ensinar a lição programada de cada dia a dezenas de alunos, reunidos numa classe única, ministrada em doses parceladas, sob a mediação do instrumento do trabalho didático. Esta foi a peculiar relação educativa¹ de Ratke, que se busca entender, tendo por base a categoria proposta por Alves (2011).

* Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio de pós-doutorado concluído na Faculdade de Educação da Unicamp. Professor pesquisador do Programa de Mestrado/Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-Uniderp. E-mail: sandino.hoff@terra.com.br

¹ Conforme Alves, a *relação educativa* (uma forma histórica de educador e de educando), se realiza com a mediação de *recursos didáticos* e implica um *espaço físico*, e, juntos, compõem a categoria *organização do trabalho didático*. (ALVES, 2005b, p. 10-11)

Esclarecendo o entendimento de Alves (2011, p. 2) sobre a relação educativa, cita-se: “Quando falamos em relação educativa, a entendemos por sua estreita associação com uma forma de organização do trabalho didático. Ela só pode ser historicizada quando referida à peculiar forma de organização do trabalho didático que lhe é pertinente”. O autor constrói a categoria na conjunção das determinações materiais da manufatura com as determinações históricas da didática moderna. Na sua ótica, o manual didático foi o elemento que viabilizou a relação educativa no processo de transmissão do conhecimento (ALVES, 2011, p. 2).

A Nova Arte de Ensinar de Ratke instituiu a prioridade dos recursos didáticos e os apresentou em forma de manual, livro, livro de leitura, livro de ensino, livro escolar, guia, fio condutor, compêndio e tabela. Incorporou esses instrumentos de trabalho à relação educativa, a fim de garantir a transmissão do conhecimento. Deu-lhes uma função primordial, constituída de acordo com a organização social de seu tempo.

Em inícios do século XVII, o trabalhador das manufaturas e, analogicamente, o trabalhador da educação começaram a perder o papel principal do ensino para o instrumento de trabalho. Com Ratke e Comenius, os recursos didáticos, especialmente, os livros escolares, assumiram a posição principal na relação educativa e, como tal, garantiram a simplificação e a objetivação do trabalho didático, como ocorria na produção manufatureira. (ALVES, 2011, p. 3). A análise das funções do livro didático focou o esforço desenvolvido neste artigo.

O tema deste estudo são as funções educacionais e sociais exercidas pelos instrumentos de transmissão do conhecimento utilizados por Ratke. Para entendê-las, deve-se compreender como o autor concebeu a sua Didática. Trata-se de um conceito amplo que abrange uma concepção de vida nova para a população de língua alemã, tendo por horizonte uma proposta educacional em prol da sociedade burguesa e da doutrina reformada. O didático, como ele mesmo se denominava, instituiu uma organização de ensino nessa perspectiva, dada a conhecer em seu Memorial (1612): “Introduzir pacificamente no Império uma língua única. Isso pretendo alcançar nas escolas alemãs. [...] É necessário empregar o alto alemão, como língua nacional. [...] É preciso introduzir no Império uma política e uma administração unificadas a fim de validar um Corpus Iuris...” (RATKE, 2008, p. 32). As funções sociais e educacionais, propostas em sua Didática, passam a ter a responsabilidade e a primazia na sua organização do trabalho didático.

Este texto divide-se em cinco itens. Depois da introdução, o artigo define o conceito de Didática. Com o termo ampliado e uma conotação bem mais abrangente do que o termo de hoje, ele entendia a necessidade histórica da emergência de uma nova sociedade e a mudança radical na organização do trabalho didático, com o intuito de oferecer uma escola para todas as crianças e todos os jovens.

O segundo item apresenta Ratke como um ser histórico atuante e preocupado com as necessidades sociais e educacionais de sua época. O item seguinte analisa os instrumentos didáticos, utilizados pelo autor na sua proposta de trabalho didático, sem os quais não se realizaria a sua organização do trabalho escolar. A definição da liberdade

e da subjetividade, entendida por Ratke em seu Método, leva a explicitar a questão da subjetividade docente e da objetivação do trabalho, inerente aos manuais didáticos. É o que consta no último item deste trabalho. O texto conclui com a importância dos manuais didáticos na obra de Ratke e afirma que o manual didático comeniano, confeccionado de tal forma que contém tudo o que o professor necessita para sua aula, não está totalmente presente nos recursos didáticos ratiquianos. A maior parte dos livros escolares do didático alemão apresenta-se como um guia, útil para fornecer ao professor um fio condutor (*Leitfaden*), com a finalidade de à subjetividade do mestre-do-ensino caber a organização do trabalho didático.

Os instrumentos didáticos da relação educativa colocam a Didática não somente na função escolar de ferramenta de trabalho ou de implementação das lições de aula, mas também, na função de orientar os jovens e adultos para uma nova sociedade. Para o primeiro caso, apresenta-se o regulamento de horários e, no segundo, a global obra da reforma social.

O artigo buscou elucidar as funções educacionais e sociais que Ratke atribuiu aos instrumentos de ensino, as dificuldades que enfrentou para efetivar seu Método e a contribuição de sua organização do trabalho didático para a intervenção ativa no processo da educação atual.

1. A didática: um conceito amplo para a nova sociedade

Para a investigação de fontes, o historiador da educação, quando tiver todos os documentos em mãos, terá a garantia de diminuir consideravelmente o silêncio da realidade. Julia, (2001, p. 17) tem este cuidado, mas, adverte não “exagerar o silêncio dos arquivos escolares” e justifica: “O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira...”. A metáfora de JULIA (2001, p. 17) recebe concordância de muitos pesquisadores brasileiros que a citam diversas vezes em seus trabalhos. Outros já afirmam que, se assim for, o historiador da educação se arrisca a fragilizar a pesquisa ou a pulverizar as flechas confeccionadas com madeira inadequada e, dessa maneira, enfraquecer a consistência e a durabilidade do material investigado nas fontes. Entende-se que as discussões acadêmicas devem ser problematizadas, utilizando-se, para fins de equilíbrio, a metáfora oposta, resumida pelo renascentista Policiano (In: HOFF, 1996, p. 9): “Uma estátua de Mercúrio não sai de qualquer tronco”. Em termos de educação burguesa, a organização do trabalho didático de Comenius e de Ratke, cujas fontes estão disponíveis ao pesquisador da educação, permaneceu um tronco consistente e duradouro, até os dias de hoje.

Ao debruçar-se sobre a obra de Ratke, o entendimento captou logo que *Didática* tinha uma conotação bem mais abrangente do que o termo limitado de hoje, pois, traduzia o pensamento de um projeto constituído para a reforma da educação e da sociedade. Apresentava consistência de madeira-de-lei, pois, incluía um amplo e significativo método para auxiliar o povo alemão a erguer uma só pátria e uma só língua; a construir nova forma de ensinar em prol da sociedade livre e a instituir o ensino da doutrina luterana. O termo compunha-se, também, de outras determinações importantes: uma pedagogia – diz-se

hoje em dia - para afastar a sociedade dos protecionismos clericais e para torná-la “livre do embirrento e pagão Aristóteles, do tirano Maquiavel, dos Santos Padres”, da tirania do latim e do ensino à base do professor/preceptor. (RATKE, 2008, p. 31). Hoffmann (1974, p. 7) refere-se à proposta ratiqiana:

Suas idéias de reforma expressam, conforme escreveu Bertold Brecht, os tempos de transformações, o temeroso e o fecundo, em que coincide o ocaso das classes submergentes com os albos das ascendentes e que assumem o crepúsculo no qual a coruja de Minerva alça seu vôo.

Nessa ótica, Ratke entendia a necessidade histórica da mudança radical na organização do trabalho didático. Empenhou-se em obter os meios para introduzir uma massiva educação pública eficiente e para solidificar suas atividades, como autor e estimulador de livros escolares.

Essa consistência em relação à Didática encontrou-a Alves (2011, p. 3), referindo-se a Comenius, contemporâneo de Ratke, quando assim se expressou:

A formação do novo homem contaria com o recurso de singular relação educativa, então pensada, que colocava em presença do professor um coletivo de estudantes organizado como classe. Como a pretensão, pela vez primeira na história, era a de que fossem educados todos os homens, a demanda quantitativa gerada só poderia realizar-se pela criação de uma nova instituição social especializada inteiramente devotada a essa finalidade, a escola moderna, expressão dialética de qualidade nova que tornava superada a educação feudal.

Da Didática Magna dependeria “a salvação de todo o gênero humano”, pois se propunha a “instruir e educar a juventude”. Não havia precedentes na história da humanidade para o que era exigido pelo novo tempo, escreve Alves e acrescenta: “Em causa estava, sobretudo, a viabilização de nova forma histórica de sociedade, que mudava profundamente as relações sociais de produção”. (ALVES, 2011, p. 3).

Escreve Hoff sobre a obra ratiqiana, que, como Comenius, relacionou a educação à organização social:

O velho deveria ser removido e substituído por um novo movimento social e escolar. [...] Seus textos revelam o pensamento burguês a combater e a eliminar o pensamento feudal. Não se preocupou em demonstrar que o antigo não era irracional, pois, também tinha sua razão de ser, a sua razão feudal, mas o seu gênio e a sua têmpera haviam já decidido sem metafísica que sua vida seria dedicada a educar as crianças nas coisas necessárias à prática da vida. (HOFF, 2008, p. 5)

Contra o velho, Ratke apresentava idéias burguesas que proporcionassem e promulgassem o ensino prazeroso, eficiente, rápido, fácil, organizado de acordo com a natureza. O novo significava o triunfo de um novo regime social, o triunfo da propriedade burguesa sobre a feudal, da nação sobre a província, da concorrência sobre as corporações protecionistas, da partilha sobre a primogenitura, da submissão da terra ao proprietário em lugar do proprietário à terra, da família sobre a linhagem, do direito sobre os privilégios feudais.

Ao se fazer presente a sentença de Saviani (1980, p. 130), de que a “escola, tal como está constituída, é um reflexo da organização social”, reconstitui-se o caráter histórico do Método com que Ratke definiu o conceito de Didática e em que os livros didáticos assumiram a função de dotar a população com os instrumentos básicos de participação na nova sociedade. Tem razão Hammerstein (1992, p. 177-8) quando escreve: “Como não havia instituições escolares tradicionais, próprias que formavam camadas médias para os ofícios, a indústria e o comércio, reforçava-se a consciência do considerável atraso alemão frente à economia florescente dos Países Baixos”. Nesse sentido, Ratke propagou a escolaridade universal como um impetuoso objetivo nacional.

Para fortificar o ânimo e as capacidades dos jovens e dos adultos no caminho de uma nova sociedade, o didático alemão utilizou o seu *Método*, também denominado por ele de *Nova Arte de Ensinar* ou *Didática*. Pretendeu consolidar a reforma religiosa mediante uma prática eficiente e formar a juventude na vontade de pensar e viver em paz, justiça, liberdade, que só poderiam preponderar pelo triunfo da burguesia. Em todos os seus textos, produzidos em Cöthen e em Gotha, atava o fio à argumentação, encetada no *Memorial*: propor e efetivar uma educação renovada para o luteranismo, tendo em vista superar as divisões existentes nos ducados, condados, palatinados e províncias e favorecer o início da unificação alemã e da introdução do mercado livre que estava em seus albores e que necessitava de uma nação para frutificar. Para isso, não mediu esforços em descobrir e utilizar um método de ensino fácil e confortável. Apresentou aos príncipes de língua alemã: a) instituir “a verdadeira e apostólica doutrina luterana”, ou, “uma só religião”, b) revelar “Como em todo o Império podem ser implementados e, pacificamente, conservados uma única língua e um só governo”. (RATKE, 2008, p. 27). O primeiro estava evidente, visto que o autor era um luterano convicto. O segundo foi um propósito de cunho político: a unidade da nação alemã e da língua seria necessária para formar uma nova sociedade. Os propósitos serviam de moldura ao quadro em que se desenrolava a cena da Didática. Ele nunca os removeu de seu pensamento, mesmo quando os príncipes, aferrados a seus territórios, e o clero dos três cristianismos opunham os maiores obstáculos a seu dizer e a seu fazer. Seu poderoso instrumento didático, de caráter não-material, teve o desígnio involuntário de reabrir feridas nos brios chagados da fidalguia e das crenças.

2. O ser histórico-temporal de Ratke

No início do século XVII, estava-se delineando uma universalidade de produção material, baseado na divisão do trabalho, em alternativa histórico-concreta à ordem vigente na Alemanha.

Marx esclarece o início do capitalismo, no século XVII. Escreve que produção, distribuição e consumo são elementos de uma totalidade, com diferenciações no seu interior. A unidade tornou-se visível quando a produção ocorreu em grande quantidade de mercadorias para o valor-de-troca. Mas, foi a produção de mercadorias que determinou o novo modo de produção. A explicação está em Marx (1980, p. 3):

A razão disso está em que o capital mercantil, além de ser o primeiro modo livre da existência do capital em geral, exerceu influência preponderante na fase que iniciou a transformação da produção feudal e deu origem à produção moderna. [...] A ciência real da economia moderna só começa quando a análise teórica se desloca do processo da circulação para o da produção.

A nova sociedade, produtora de mercadorias manufaturadas, fornecia a consciência social de que os homens estavam em condições de produzir, com um mínimo de dispêndio de energia dos trabalhadores, de comercializar o produto e de atender à sociedade de consumo. A produção realizava-se numa oficina em forma de trabalho parcelado e combinado. A mercadoria “deixa de ser produto individual [...] para se transformar no produto social” (MARX, 1980, p. 388) e o trabalho caracterizava-se, então, como caráter social, realizado por um conjunto de trabalhadores. Além disso, criou-se a força produtiva do trabalho que resultou em maior produção em menor tempo e com menores custos.

O trabalhador tinha o controle do trabalho e o conhecimento da parte do trabalho especializado, mas, não mais obteve o controle do processo, como tinha o artesão em épocas anteriores. O desenvolvimento da especialização do trabalho também foi o processo histórico da perda do domínio sobre o trabalho. A historicidade dos fatos econômicos e sociais apresenta-se como necessária à compreensão da época.

2.1 Técnicas ou Artes

Com a produção industrial, desde cedo, apareceram os “técnicos”, trabalhadores que dominavam seus ofícios e, também, inventavam novas ferramentas de trabalho, sem ter nenhuma relação com a ciência especulativa das universidades. A definição de “técnicas” remonta às atividades do homem que tinham por objeto recolher, adaptar e transformar os materiais naturais, com vistas a melhorar as condições de existência. O termo “técnicas”, porém, surgiu na literatura especializada apenas nos séculos seguintes ao século XVII, pois, nesta época, ainda se utilizava o termo “artes”, que, também, se referia às atividades como as operações bancárias, o conjunto das operações militares; a linguagem, os meios de transmissão e de registros; os meios de escrituração e de apoio; papel, multiplicação de textos escritos². (DAUMAS, 1962, p. 256).

A relação entre as ciências e as técnicas deu-se com os aportes elementares das matemáticas e a astronomia, desde o Renascimento. Havia, à época de nosso estudo, uma coexistência das formas tradicionais com as técnicas modernas. Mas, a ciência exerceu grande efeito sobre a técnica somente na metade do século XIX.

Dessa forma, as artes tinham muito a dizer, pois, dali, não de outros sítios, surgiram as invenções. Inventar não era sempre fazer descobertas; muitas vezes era “dar forma às práticas existentes ou aplicá-las num contexto diferente” (MUMFORD, 1988, p. 123). Ratke, vendo o horizonte da produção manufatureira, aplicou-a no contexto da produção

² Quando se busca definições de “arte” em Mumford (1988) e em outros autores tem-se a mesma compreensão.

não-material, dando à educação uma forma útil e prática, utilizando o nome de Arte de Ensinar. Para ele, arte “é uma capacidade que, com o auxílio da razão, realiza obra externa para posterior utilização” (RATKE, 2008, p. 123). A denominação deve ser entendida, originalmente, nessa ótica. No entanto não tem somente este significado, a organização do trabalho didático de Ratke só tinha sentido quando o conhecimento dos conteúdos fosse útil não somente à vida prática, mas também, à transformação da sociedade. A relação educativa que provinha dos livros didáticos e obedecia a ensinamentos divididos, parcelados em lições, era enriquecida, ao final de cada parcela do conhecimento disposto ao ensino, com os “objetivos deste trabalho”³, com vistas à compreensão, ou com a “aplicação” prática, que significava aprender e saber fazer o que é útil socialmente. O didático alemão, à semelhança dos inventores de artes, não pertencia a qualquer universidade.

2.2 O Aprendizado de Ratke na Holanda

O projeto educacional do didático alemão pretendeu propagar uma reforma universal da instrução escolar de cunho fortemente nacional. Para tal, ligou a instrução escolar ao pensamento burguês, encontrado na economia florescente dos Países Baixos e de algumas cidades burguesas de língua alemã, como Hamburgo onde estudou na juventude. A Didática ratiqüiana pretendeu seriamente dar condições objetivas para florescerem melhor as artes e os ofícios, as manufaturas e os demais negócios.

Escreve Rioux (1963, p. 13):

Ratke embarca para Londres a fim de ali completar seus conhecimentos científicos. Esta viagem se efetua antes da publicação das primeiras obras de Francis Bacon, mas a influência do futuro grande chanceler-filósofo sobre o futuro grande pedagogo não tem nenhuma dúvida, pois, algumas das fórmulas de Ratke concordam palavra por palavra com os aforismos do *Novum Organum*.

Retornando ao continente, Ratke chegou a Amsterdam em 1603. Permaneceu nesta cidade até 1610, quando voltou à Alemanha. A estada de Ratke na Holanda iniciou-o no pensamento burguês com vistas a promover a sociedade e a educação. Isso tem uma razão de ser.

No início do século XVII, houve uma revolução de envergadura na Europa do Norte. Os holandeses conquistaram terras novas sobre as águas do mar, sobre as lamas dos rios, sobre os pântanos, as turfeiras, as areias áridas e as faixas inóspitas. (DAUMAS, 1962, p. 155). Transformaram terras estéreis em hortas. Trabalharam e buscaram procedimentos para fazer render a terra, utilizando-se de bons cavalos e bois.

Ao final da Guerra contra Espanha, os navios holandeses carregavam produtos das Índias Ocidentais e produtos manufaturados de seu próprio país. Os corsários holandeses saqueavam os navios ou, já transmutados em mercadores, compravam seus produtos ainda em alto mar. O resultado do comércio intenso foi a fundação do Banco

³ “Para uma lição da segunda classe dos iniciantes: reconhecer prontamente as letras; distinguir as letras e sua natureza, uma da outra; conhecer a junção das letras em sílabas; pode seguir com a vista e o ouvido, no livro de leitura, aquele que lê” (RATKE, 2008, p. 73).

de Amsterdam em 1609, que transferia quantidades de metais para outros bancos, o que facilitava o comércio⁴. A Holanda - junto com a Inglaterra - estava na vanguarda do comércio e das manufaturas, principalmente na indústria química. Em 1603, foi criada a Companhia Holandesa das Índias Orientais, de caráter privado. O banco e a companhia formavam o símbolo da nova sociedade burguesa. Marx denominou a Holanda como a nação modelo do capitalismo, no século XVII. (MARX, 1980, p. 791). Era também a nação que acolhia a ciência progressista e a cultura.

Foi ali que Ratke criou a sua reforma da educação e da vida social. Hohendorf (1957, p. 11). escreve que a obra *O Tratado da Ética para as Escolas Cristãs*, reeditado em 1994, remete imediatamente ao tema da nova ética ligada às atividades mercantis, especificamente, a possibilidade ética do livre comércio. O pensamento burguês tentava superar os princípios éticos tradicionais em favor de uma ética prática de resultados. Schmidt (1994, p. 386) relaciona o *Tratado da Ética* com a “prática mercantil da cidade de Amsterdam. [...] Neste mundo em que dominam fortes necessidades do comércio, o que é ético, isso é, como se possibilita o livre mercado?” O ser histórico revela o pensamento burguês presente na Didática e o conceito de Arte, ambos bem assimilados pelo didático em sua estada em Amsterdam. Após nova estadia, curta, na Holanda em 1611, retornou a Frankfurt-am-Main, onde redigiu seu *Memorial*.

O contexto do desenvolvimento material da sociedade remete nossa problemática de estudo à prática manufatureira em andamento, a influenciar o didático na busca de conhecimentos disponíveis que foram sistematizados nos seus compêndios, livros, tabelas e manuais escolares.

3. Os instrumentos didáticos da relação educativa proposta por Ratke

Alves (2005a, p. 11) escreve que a análise do livro didático passa por uma categoria, a do trabalho didático, que tem sua base material na divisão do trabalho e que tem em Comenius a expressão mais avançada, porque ele a concebe como forma de manifestação da organização técnica do trabalho manufatureiro. Nessa ótica, Alves identifica a centralidade da categoria *trabalho didático* e sua base material, a *produção manufatureira*.

O autor afirma que o instrumento de trabalho tomou o lugar do professor na relação educativa, “pois, seus procedimentos pedagógicos passavam a ser ditados pelo próprio instrumento de trabalho”. (ALVES, 2005a, p. 3). Cita Comenius que estabeleceu a divisão do trabalho didático e, a partir de quem, o professor se tornou, à semelhança da produção material, um profissional especializado.

O instrumento didático toma uma posição central na obra de Ratke. Um homem, tendo encontrado os instrumentos adequados, pode “mostrar a utilização correta de todas as coisas e o caminho mais curto para aprender as línguas com mais segurança e mais facilidade” (RATKE, 2008, p. 127-8) e orienta sua atividade de acordo com a harmonia

⁴ No início, o Banco de Amsterdã não executava uma função creditícia; ele era estritamente um banco de depósitos, sendo que todos os bilhetes eram 100% lastreados por metal. Em 1657, o banco também começou a fazer grandes empréstimos para a Companhia Holandesa das Índias Orientais e para a cidade de Amsterdã.

da natureza e das coisas. Assim, “Cada elemento estará de acordo com o todo e cada questão se adequa às outras em justa medida” (RATKE, 2008, p. 140). A Didática segue a natureza, quando a unidade de cada matéria a ser ensinada pertence à unidade coletiva de todas as matérias e se materializa na uniformidade do livro: “São redigidos e impressos, com idêntico formato, em todas as línguas, livros escolares específicos...” (RATKE, 2008, p. 61). O livro é a uniformidade visível de “todas as línguas, artes e ciências” (RATKE, 2008, p. 50) e é a construção da unidade que apresenta os conteúdos e abarca os globais objetivos dos fundamentos filosóficos, fundados na fé, natureza e harmonia das línguas.

Ratke, em nenhum momento, utilizou o termo manual (*Handbuch*), por isso, Hoffmann (1974), na edição de livros do didático alemão, deu-lhes o título de livros escolares. Foram conservados em dois arquivos: os impressos em Cöthen⁵ dos anos 1617-18, denominados *Enciclopédia* ou *Ensino de Tudo*, editados às custas do Principado de Luís; e os manuscritos, elaborados durante sua permanência em Gotha, em forma de tabelas, guias e compêndios.

Para a experiência de Cöthen, primeiro grande empreendimento escolar na Alemanha, Ratke escreveu vários livros e textos explicativos. Esses livros escolares são complementados por orientação sinóptica, como tabelas e esboços. O objetivo de Ratke foi redigir um conteúdo conceituado para a formação integral. Os manuscritos de Gotha não têm o tom de ensinamentos de sala de aula, mas, de ensinamentos gerais para a juventude em geral; por isso são compostos em tabelas e compêndios.

A *Regulamentação do Horário Escolar para a Nova Arte de Ensinar de Wolfgang Ratke (1619)*, (RATKE, 2008, p. 65-91), para as aulas em Cöthen, apresenta a divisão do trabalho didático, mostra a constituição física das escolas e revela a função social da relação educativa. Nas primeiras classes aparece seguidamente o *Livrinho de Leitura*, ou, *ABC*. Ratke mantém um grupo de sábios que o auxiliam na renovação pedagógica⁶. Ele tudo supervisiona e solicita a instalação de uma impressora. Dirige-se a vários príncipes alemães a fim de angariar fundos para sua obra. O príncipe Luís e seu sobrinho João Ernesto sustentam moral e materialmente a obra. A duquesa Anna-Sofia envia fundos para reconstituir a biblioteca, deixada em Frankfurt. Em dezembro de 1618, estava instalada a impressora: “É o primeiro empreendimento de edição pedagógica criado na Alemanha”. (RIOUX, 1963, p. 79).

Saíram impressos o *Livrinho de Leitura* e a tradução de seis comédias – entre elas, *Andrya* - de Terêncio. As edições se multiplicaram e foram impressos mil exemplares de cada livro para assegurar uma ampla difusão em todas as províncias de língua alemã. (RIOUX, 1963, p. 80). Para Ratke, essas obras formam a base essencial de toda cultura.

⁵ Compendium theologiae; raticionorum quorundam im línguis; Aforismos; O Ensino da escritura; O Ensino do Emprego das Palavras, Livrinho de Leitura e Escrita, Livro para Ensinar a Língua e outras.

⁶ Rioux cita Rhenius; Christian Pauli, israelita convertido ao catolicismo, conhecido por seus trabalhos em hebraico e em caldeu; Nicholas Pompeus, professor das matemáticas em Wittenberg, enviado pela condessa de Schwartzbourg; o Dr. Weber, enviado pela condessa de Gleichend, em troca de bolsas; Jacob Martini, teólogo e filósofo, professor em Witenberg, escreveu um Tratado de Lógica e Metafísica. Além deles, colaboraram Gueinz, Trost, Wolf, Lucius (de Basileia), Gualter, Le Clercq e outros.

A euforia coletiva tomou conta de Cöthen. Tudo ia às mil maravilhas, mas, os detratores de Ratke se movimentavam. As difamações e as críticas feitas em relação à organização do trabalho didático tiveram consequências terríveis: após 4 meses, Ratke abandonou a organização. Resumimos aqui duas causas das dissensões:

- Depois da edição de vários livros didáticos, o príncipe Luís queria que o didático os substituísse por quadros murais. A solicitação não foi aceita.

- Gualter, Streso e Kromayer, de fortes influências no principado, iniciaram a campanha contra Ratke e sua organização escolar⁷ exigindo os preceitos calvinistas no ensino.

O príncipe Luís chamou Ratke para se explicar, mas, não ficou contente com a argumentação e o fez elaborar novo Regulamento Escolar, incluindo a responsabilidade e a presença dos pais e criando mecanismos para a higiene e o asseio das crianças. O príncipe queria posições mais concretas e lhe solicitou que fosse mais conciliador. Ratke endureceu sua postura.

Redigiu uma carta aos príncipes dizendo que sua arte de ensinar estava sendo perseguida. Ameaçou sair. O príncipe exigiu o cumprimento do contrato. As coisas se precipitaram. Ratke reagiu violentamente. Queixou-se da maquinação montada contra ele, acusou Gualter, os pregadores reformados, os inspetores escolares e todos aqueles que o difamavam. Opôs-se estritamente ao uso do quadro mural, porque o *Livrinho de Leitura* fora explicitamente editado para essa finalidade. Entendeu que o príncipe insistia nos quadros murais porque seriam um instrumento de trabalho que pudesse recolocar as bases da Reforma Calvinista, em substituição à Nova Arte de Ensinar de posição luterana. Insistiu sobre as más condições materiais devido aos locais escolares insuficientes. Acusou Gualter de querer roubar-lhe o Método e aplicá-lo em outras regiões. Ao final, escreveu que não queria que o príncipe Luís se servisse de sua Didática para a religião calvinista. Ao pretender retirar-se de Cöthen, foi conduzido preso ao castelo de Warmsdorf.

Enquanto Ratke ficava confinado, Gualter e Kromayer esqueceram o antigo mestre e disputaram a sua obra. Kromayer elaborou uma nova instrução relativa ao ensino para as escolas de Alemão e de Latim⁸. A rapidez, com que ele agiu, impediu Gualter de editar o “seu próprio” Relatório.

Luís exigiu do aprisionado que terminasse de redigir definitivamente a sua obra educacional, ameaçado de ficar retido por 15 anos se não o fizer. Ratke respondeu que sua Didática está elaborada conforme a Confissão de Augsburgo, fundada na palavra de Deus e ninguém deveria utilizar sua Didática de forma diferente⁹.

Após 8 meses de prisão, foi solto. Ainda teve ocasião de instituir escolas em vários

⁷ Acusaram o Método de favorecer o relaxamento (recreação demasiadamente longa; liberdade de criação para os alunos e correspondente falta de disciplina); de utilizar os Dez Mandamentos em vez do livro de Moisés; de não utilizar certos trechos bíblicos considerados importantes no ensino; os contrários exigiam mais trechos bíblicos nos programas (os indicados pelo Catecismo de Heidelberg) e condenavam a ausência de exercícios de casa.

⁸ O texto apareceu em Weimar, novembro de 1619, sob o título *Relatório sobre o novo método: como realizar a instrução da juventude*. Todas as idéias são de Ratke, mas, este não é citado nenhuma vez!

⁹ Três enviados do príncipe apareceram no castelo: prometeram-lhe liberdade, sob a condição de escrever uma carta, reconhecendo que ele injustamente injuriou o príncipe. E mais: Ratke deveria abandonar totalmente seus direitos sobre a obra impressa em Cothen; e, por fim, nunca mais deveria voltar ao principado. Escreveu e assinou. Retirou-se para Halle, com apenas cem florins que o príncipe lhe dera para o viático.

lugares, mas, os detratores estavam vivos, sempre próximos, e nenhuma das escolas obteve grande sucesso, extinguindo-se logo. Com olhos de falcão a avistar os horizontes de uma formação útil e prática e de uma nova sociedade, o mestre foi afetado em seu projeto educacional pela Guerra de Trinta Anos, pelo clero reformado e pelos detratores que reduziram suas atividades à instalação de apenas algumas práticas restritas da educação.

Como não houve possibilidade de colocar seu Método em prática escolar, elaborou textos, advertências aos príncipes, compêndios e tabelas, completando sua obra escrita, sem, no entanto, realizá-la concretamente. Escreveu-os para as escolas e para a formação da juventude e da sociedade.

3.1. Horário Escolar de Cöthen

Em Cöthen, Ratke organizou as classes de acordo com o estado avançado dos alunos e não conforme a idade, embora tenha solicitado aos pastores a chamada à matrícula de alunos com a idade de 6 anos completos. No Horário Escolar estão presentes a constituição física do espaço, o tempo escolar e a nomeação dos mestres de alunos, conforme o Quadro abaixo.

Quadro – Horário Escolar das Classes de Alemão - 1619

	Iniciantes	Classe Média	Classe Superior
Mestres	O sacristão	Bierberg	Stubenrauch
Meninos:			
Número de alunos	83	44	24
7:00 a 8:00h	Pequeno Livro de Leitura	Pequeno Livro de Leitura	Novo Testamento
9:00 a 10:00h	Leitura e Escrita	Pequeno Livro de Leitura	Leitura da Bíblia
13:00 a 14:00h	Canto	Canto	Cálculo
15:00 a 16:00h	Leitura e Escrita	Pequeno Livro de Leitura	Língua Alemã. Elocut. et Escriturae
Meninas:			
Mestres	A mestra da escola	A mestra da escola	O cantor
Número de Meninas	91	20	20
7:00 a 8:00h	Pequeno Livro de Leitura	Pequeno Livro de Leitura	Leitura da Bíblia
9:00 às 10:00h	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Cálculo e Escrita. Canto
13:00 às 14:00h	Canto	Canto	Cálculo
15:00 às 16:00h	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Cálculo e Escrita. Canto
Aos sábados,	Em todas as Classes, revisão do trabalho da semana e inspeção do trabalho escrito de casa		

Tabela organizada por Rioux, p. 285, a partir da “Regulamentação do Horário Escolar” de Ratke (In: HOFF, 2008, p. 65-67. p. 285.

O espaço físico de cada classe estava assim determinado: Christophorus Vierthaler, professor de Grego, “ministrará as lições na sua casa até segunda ordem”. [...] “paralelamente, ministrará a gramática e a escrita grega”. Ulrich “ministrará suas lições no

novo alojamento no lado de lá da balança e da casa dos pães. [...] Trabalhará, também, os exercícios de gramática e a escrita latina”. Stubenbruch “ministrará suas aulas num local ainda não definido enquanto a velha escola for restaurada”. Bierberg dará suas aulas “na sala mais baixa da velha escola”. Simon Christianus, o cantor, dará suas aulas em “dois alojamentos designados a esse ensino: um no Mosteiro Benedito Ambrósio, outro na sala do ancião Scholthauer”. (RATKE, 2008, p. 65-67)

A aprendizagem da leitura e da escrita na primeira classe da Língua Alemã começa com a oração da manhã; em seguida, o mestre-do-aluno lê uma das cinco passagens principais do *Ensino Cristão* ou questões do *Pequeno Catecismo* que serão utilizados no trabalho da classe.

Ratke prescreveu para a Primeira Classe da Língua Alemã: Leitura e Escrita:

Quando o preceptor desenhar no quadro as letras em cor vermelha, impressas, maiúsculas e minúsculas, pronunciará com clara voz cada uma das letras. Ao mesmo tempo, indicará, sobrepondo o giz nas letras, como se as escreve e seguirá conforme está programado no Método¹⁰. De vez em quando, vai aos bancos dos alunos para mostrar-lhes no livro impresso de escrita, individualmente, um por um, como devem conduzir a pena e fazer as letras. Quando os meninos conseguirem saber como se denomina e o que significam ora uma ora outra letra, deverá proceder à leitura. O livro de Moisés deve ser lido bem devagar e bem distintamente, “Mas não ler de maneira que separe as sílabas e os períodos ou ler de maneira diferente do que os sinais de pontuação indicam”. (RATKE, 2008, p. 68).

No *Método Geral da Didática*, Ratke ensina que o preceptor explica “delicadamente, as letras aos meninos e como são construídas sua figura e forma” (RATKE, 2008, p. 44). Para ele, a figura da linha reta e do círculo é a base de todo letramento. Assim, as linhas retas verticais e horizontais formam várias letras, como A, E, F, H, I, K, L, M, N, T, U, V, W, X, Z; o círculo e o meio-círculo formam as letras O, C, Q, S (dois semicírculos, sendo um invertido); além disso, a combinação das duas figuras forma o restante das letras, como P, B, D, etc.

Prescreve que as letras sejam construídas mediante suas figuras e formas. Assim, a letra O tem a figura de um prato; a letra C é uma foice. “Por meio de tal ensino a criança é motivada a pensar mais facilmente as coisas, além de reconhecer e copiar as formas e as figuras das letras a partir de objetos materiais que ela vê em sua casa”. O ensino das letras é realizado no quadro-negro: “Um preceptor deve ensinar as letras às crianças. Deve apresentá-las por escrito e, também, em voz alta”. (RATKE, 2008, p. 44). Acrescenta que a criança dirige sua visão e seu interesse mais à figura das letras do que ao nome delas. Ao mostrar as letras no quadro e lê-las, deve o preceptor desenhar de forma lenta e vagarosa seja no papel ou no quadro. Nessa fase, de forma nenhuma é aconselhado o quadro mural. Entende-se que o quadro mural não permite o professor desenhar vagarosamente as letras, tarefa só permitida pelo quadro ou pelo papel.

O ensino da leitura é realizado no *Livrinho de Leitura*, elaborado por Ratke.

¹⁰ “Método da escrita alemã em 20 ou pouco mais linhas”, um guia de Ratke.

Quando o aluno estiver lendo, o professor poderá indicar um autor de sua escolha para o aluno se exercitar, como um trecho da Bíblia.

Na Segunda Classe da Língua Alemã, a Leitura torna-se o centro da aprendizagem, seguido pelo Cálculo e pelo Canto. O *Livrinho de Leitura* comanda as atividades do professor e do aluno.

Na Terceira e Quarta Classe inicia-se o estudo da Língua Latina. Nessas duas classes, o texto clássico de Terêncio é a única fonte de estudo, tanto para a leitura e compreensão do texto, quanto para o estudo da gramática.

A Quinta classe é a de Grego.

O novo ordenamento escolar (RATKE, 2008, p. 77s) traz algumas mudanças importantes, após as críticas. Requer-se a ajuda dos pais em auxílio aos esforços dos preceptores nas escolas. Refere-se tanto à educação do lar para formar um homem zeloso e afável, quanto da higiene: asseio da cabeça, das mãos e da vestimenta; andar corretamente, ficar de pé e sentar-se nas horas certas. Além de ter a boca limpa, cabelos penteados, rosto lavado, mãos cuidadas, limpeza do corpo, a gola endireitada, o chapéu, o casaco escovado e sapatos limpos.

O *Livrinho ABC ou Livrinho da Leitura* continua a dar o tom das atividades do ensino. As letras são apresentadas no quadro-negro e nos livrinhos. A Segunda Classe segue igual ao Ordenamento anterior. A novidade do novo Ordenamento é que indica os objetivos a serem alcançados.

A Terceira Classe baseia seu estudo ainda no *Livrinho de Leitura* e na Bíblia alemã de Lutero. Os livros históricos da Bíblia servem de texto principal para o ensino. Trata-se de um alongamento da Classe de Língua Alemã, adiando o ensino da Língua Latina para a Quarta Classe.

A Quarta Classe, a primeira Latina, baseia-se em *Andrya*. O livro foi traduzido e editado em idêntico formato ao do original. Os alunos lêem junto com o professor várias vezes o texto traduzido até entenderem seu conteúdo. Somente após essas leituras, passam a ler o original, em latim.

Observando-se que Comenius e pedagogos cristãos posteriores rejeitaram Terêncio como autor básico no ensino de Latim, é preciso verificar como Ratke, que provavelmente sofreu muitas críticas por utilizá-lo, justificou a presença das seis comédias em sala de aula:

Trata-se de um livro de vida humana, como que desenhada num quadro. Acrescente-se que não se trata de outra coisa que seguir a vida comum e que em nossos tempos essa comédia ainda é encenada na intenção de modificar as pessoas. Pode o aluno indicar um ou dois exemplos da educação de criança ou do lar ou de uma virtude a partir dessa comédia. (RATKE, 2008, p. 80).

Detalha alguns aspectos da comédia:

Os exemplos de calúnia, que calham bem, tal como ocorrem na lição, devem ser dados para que os alunos os rejeitem; por isso, se deve recapitular um

ou outro provérbio bíblico que castiga a calúnia e apresenta a vileza a ser combatida, claramente, pela virtude. (RATKE, 2008, p. 81).

Observe-se que a leitura da Bíblia traduzida por Lutero era um dos motivos para dissensões da crença oficial do principado.

A Quinta Classe é, neste novo Ordenamento, a segunda classe de Latim. A Sexta Classe torna-se a de Grego.

As classes inferiores de Ratke constituem-se basicamente com um aprendizado por meio do qual as crianças se apropriam dos instrumentos para sua inserção efetiva na própria sociedade.

3.2. O *Specimen Compendii Geographiae* (Modelo de Compêndio da Geografia em Língua Alemã)

O Modelo de Compêndio da Geografia em Língua Alemã é um sumário sucinto da totalidade a ensinar em geografia, sem sua inserção em horário escolar e sem detalhamento para as aulas.

Compêndio é um livro escolar que contém um resumo de uma matéria. De seu feitio, não apresenta detalhes metodológicos ou divisão em horários de aula. O termo indica que se trata de um resumo, um modo conciso da matéria: “É preciso captar um sumário das matérias, antes de iniciar as regras”. Nele, existe a divisão das partes a ser ensinada, mas, ela é dada em forma de guia ou fio condutor (*Leitfaden*). Ao professor competia o desenvolvimento das partes, ensinado de acordo com o Método. Em outras palavras, o compêndio não se compunha com a divisão da matéria em tempos demarcados, deixando-as à conta do mestre. No entanto, quando ele próprio apresenta o livro didático, divide os ensinamentos em horas e em partes das horas.

Por ser um compêndio, não foi elaborado para a prática imediata em classe. Trata-se de um resumo da totalidade da ciência geográfica, com a intenção de que servisse para o mestre-do-ensino, de que pudesse organizar suas aulas e de que fosse útil para os jovens fora da sala de aula. Apresenta o tema (como p. ex., Alemanha), antes de detalhar as divisões (cidades, rios, etc. da Alemanha). O desenvolvimento está em forma de diálogo, mas, é o aluno que entra como perguntador: Exemplo: - “Como posso imaginar a configuração da Europa?” O compêndio responde:

Imagine ser um dragão voador e sua cabeça seria a Espanha; o peito, a França; a barriga, a Alemanha; o umbigo, a Boêmia; a asa direita, a Jutlândia; a asa esquerda, a Itália; a ilharga ou o pernil, a Polônia, Moscou e Rússia; os pés, a Grécia e seus vizinhos; a cauda dobrada para frente, a Suécia e a Noruega.

Embora não tenha as características de um manual, – composto com a divisão da matéria, determinado em tempos de aprendizagem e organizado com passos seguidos – apresenta as características da divisão da matéria em parcelas de ensino e, por parte do mestre-do-ensino, a possibilidade da autonomia em construir pessoalmente as lições.

Além destas, há a preocupação na simplificação do trabalho didático, pela forma da imaginação de figuras, seja na própria constituição de perguntas e respostas a detalharem cada passo com que se divide o compêndio.

Ao todo, o compêndio compõe-se de 37 páginas manuscritas, abrangendo informações sobre terras, istmos, ilhas, penínsulas, rios, etc. depois, os continentes: Europa, Ásia, África e Índias Orientais. A seguir apresenta sucintas informações sobre os países europeus: Alemanha; Itália, França; Espanha; Grã-Bretanha; Escandinávia; Dinamarca; Polônia e Terra de Moscou ou Rússia da Europa e Rússia da Ásia.

Ao final dos “ensinos”, Ratke expõe 15 tabelas, - *Tabelas para o Livro de Ensino em Geografia* – que, hoje, denominaríamos de quadros sinópticos, pois, têm a apresentação resumida de uma totalidade com seus elementos ligados entre si, com vistas a uma melhor visualização e compreensão.

A Austrália, obviamente, não consta. Também não há quadro sobre Portugal, pois, os rios Douro e Minho, além das terras ao longo do mar português, estão incluídos na exposição sobre a Espanha porque o rei da Espanha, governava também Portugal, de 1580 até 1640. Também não se encontra o Meridiano longitudinal da divisão do mundo, utilizado, inicialmente, pelos gregos, com dezenas de modificações propostas em momentos históricos posteriores. Refiro-me, principalmente, à ausência da última forma que Mercator deu ao tema, centrando o meridiano zero numa ilha de Açores, onde o indicador magnético não apresentava nenhuma declinação. O compêndio também não se refere às descobertas de Galileu e às bússolas. Como o uso de cronômetros só foi possível na metade do século XVII, encontramos registro de uso anterior no Regulamento de Gotha (1646) da seguinte maneira: “Quando se fala em horas/aula, o professor mostra a sua duração na ampulheta ou no relógio de sol”.

Em meio a negócios, bancos, companhias comerciais e produção manufatureira, Ratke localiza corretamente os conteúdos dos mapas, separando a América da Ásia; isso, apenas a 20 anos dessa descoberta. Por exemplo, no globo de Schöner (1523), na exposição da Europa e da África, os conteúdos estão corretos; mas, a América e a Ásia formam um único continente. Para a correção da teoria da Geografia contribuiu Mercator que transformou mapas planos em mapas convenientes, conformes. Ratke os conhecia. O compêndio localiza, entre outras regiões, as terras novas que se denominam “Índias Ocidentais ou a denominada parte norte Columbana, porque Colombo a descobriu. E a parte sul que é a América, porque Américo Vespúcio a descobriu”. (RATKE, 2008, p. 207).

Utilizando a lição de coisas, escreve que a Columbana se compara “a um nabo, cuja ponta seria a terra estreita junto a Dária e Nombre de Dios”. (Panamá). A parte sul das Índias Ocidentais ou da América se compara “a um coração, cuja ponta se encontra ao final da parte sul” (RATKE, 2008, p. 207).

Em relação a outros livros, tem-se que a *Arte do Cálculo* ou o *Ensino de Contar* foi intitulado apenas como Arte, sem determinar que fosse compêndio, manual, esboço. O ensino da *Música* é apresentado em forma de *Regula*: Regra I, Regra II, etc. As tabelas de *Física* (*O Ensino da Constituição da Natureza*) contêm a constituição dos animais e dos homens, em tabelas. Também encontramos o registro de todos os ofícios, elaborada por Ratke.

Erika Ising, em 1959, editou um grosso livro de 332 páginas e, nele, a *Gramática Alemã* de Ratke. Nela ensina que a gramática de todas as línguas tem uma estrutura idêntica. Substantivos, adjetivos, preposições, verbos, conjunções, advérbios, etc. existem em todas elas. A Gramática Alemã contém 116 páginas, explicando os conceitos em forma de perguntas e respostas, como: o que significa a luz da Natureza, a teoria da contemplação, a práxis, a arte, ordem, método; administração, o ensino da missão do serviço escolar, o amor do discípulo para com seu mestre, a humanidade, fidelidade, aplicação e constância?

Hoffmann (1974, p. 10) escreve que as tabelas ratiquianas são consideradas como uma conquista espiritualmente decisiva para a global obra de reforma social. Conclui-se pela afirmação de que os recursos de seus ensinamentos – compêndios, tabelas, quadros sinópticos – forneceram as bases principais do método e de toda uma concepção filosófica do autor; além de servirem de ensino para jovens fora da escola.

Os documentos que analisei revelam a nova organização do ensino, baseada em experiências e observações e na extensão de uma educação prática e útil e revelam a preparação da população para a nova sociedade. Com eles, o livro começou a ter vida universal e, como ferramenta indispensável da Didática, produziu a relação educativa em sua forma de dezenas de alunos numa sala com um único professor a ministrar o mesmo ensinamento.

Ratke não obteve licença para instalar classes superiores. As ciências apareceriam mais prementes neste nível escolar. Importa, ainda, acentuar que cada matéria e cada classe tinham seu próprio professor e este, geralmente, elaborava seu próprio manual.

4. Liberdade e subjetividade em meio à disciplina e à objetivação do trabalho

Ratke pensou um método de ensino, análogo à divisão do trabalho material, que realizasse a relação educativa numa sala única para dezenas de alunos. Para isso, estabeleceu que cada aluno tivesse seu instrumento de trabalho, o livro escolar. Os professores, treinados no livro, deviam utilizar os instrumentos apropriados que facilitavam o trabalho, e deviam organizar os ensinamentos, a partir do fio condutor elaborado por Ratke. Os professores, convidados para lecionar as diversas aulas, na primeira experiência de Cöthen, estavam bem preparados e utilizavam os *Leitfaden*, por eles próprios elaborados. Isso caracterizava o elemento subjetivo da organização do trabalho didático.

A Nova Arte de Ensinar foi orientada também para a sociedade produtora:

Esta arte de ensinar é estendida, com utilidade, a todos os ofícios e trabalhos do campo – e neles é aplicada – que começam a ter a mesma configuração; e mostra bom método e boa informação de como se devem usar as ferramentas e como devem ser preparadas. (RATKE, 2008, p. 109).

Os livros escolares, redigidos por Ratke e por seus colaboradores, seguem o formato da divisão do trabalho, com a conseqüente simplificação e objetivação do trabalho do mestre-do-ensino, um profissional agora especializado. A simplificação

do trabalho social, mediante os instrumentos, influenciou, também, a simplificação do trabalho didático, mediante o livro escolar. Alguns aspectos são colocados nessa ótica¹¹:

1. O livro, compêndio e o guia forneciam as linhas gerais do todo a ser ensinado, no programa diário de aula. Essa forma de ensino facilitava o trabalho didático.
2. Regulamentava a organização do trabalho didático com seu Método que devia ser seguido rigorosamente. Caso aparecesse um novo Método, devia ser avaliado e aprovado pelos poderes públicos (RATKE, 2008, p. 101). Entre outras razões, a simplificação do trabalho devia ser garantida dessa maneira.
3. Uma das desavenças em Cöthen ocorreu não somente porque Kromayer pilhou o Método e porque alguns textos bíblicos, que a doutrina luterana valorizava e estavam no Regulamento Escolar, foram substituídos por outros, mas também porque foi obrigado a elaborar um novo Regulamento Escolar, extremamente completo e abrangente, impossível de ser executado em sala de aula por sua complexidade. Essa exigência constituía-se o contrário do que Ratke propunha, ou seja, a simplificação do trabalho. Neste novo regulamento, Ratke transigiu em um de seus princípios, no caso, na orientação de que a cada 1 hora de aula, cronometricamente planejada e executada, correspondia 1 hora de recreação. Transigiu, posicionando-se ele próprio contra a lei da natureza humana que facilitava as atividades instrucionais e que estabelecia o aprender sem fadiga e sem opressão. A transigência não auxiliou na simplificação do trabalho didático e causou transtornos ao ensino.
4. A uniformidade dos instrumentos em idêntico formato (RATKE, 2008, p. 48, p. 90) facilitavam o ensino, no seu próprio dizer.

Por que se diz que os livros escolares propiciavam aspectos de identificação subjetiva nas atividades escolares, visto que, em grande parte, foram compostos em forma de trabalho objetivado? Sabe-se que a indicação subjetiva das atividades dos professores, manifesta nos livros escolares de Ratke, e a correspondente atuação livre do indivíduo não apareciam isoladas, mas, estavam inseridas na organização social. Trata-se de analisar a presença, nas ações educativas prescritas pelo livro escolar, da autonomia subjetiva do professor, atribuída à ordem da sensibilidade, da intuição e da emoção.

Identificamos alguns aspectos dos livros e compêndios de Ratke que sustentam a indicação da subjetividade:

1. O livro escolar, que segue o curso da natureza, contém o método da intuição, do qual se registram muitos exemplos. A intuição compõe-se da observação e do contato imediato com as coisas; a seguir, vêm a sensibilidade que se adquire

¹¹ “(Aprender) em muito menos tempo e progredir com mais facilidade” (RATKE, 2008, p. 27)

“Isso ajuda muito o entendimento e torna mais fácil a aprendizagem” (Idem, p. 51);

“O aluno as identifica e as aprende e tudo se realiza com alegria, sem dissabor e sem confusão da mente” (Idem, p.53);

“Tudo por ser aprendido em apenas um ano com menos fadiga e, principalmente, com menos custos e com maior prazer” (Idem, p. 61)

com a observação e a emoção vivida. A utilização de figuras ou de coisas conhecidas dos alunos, parte integrante da organização do trabalho didático, leva à sensibilidade do mestre e do aluno. A figura de nabo, coração, dragão voador, símbolo da bota no mapa da Itália, tinha a função de simplificar o ensino e de guardar mais facilmente o conteúdo dos mapas. Da mesma forma, levar as crianças para a praça a fim de observar o que é um ângulo, triângulo, retângulo, ou, levá-las a ver a Casa do Conselho, ou ainda, fazer a experiência da espingarda (para ver que a luz chega antes do som), foram atividades previstas nos livros que contém muita sensibilidade e emoção e revelam aspectos da iniciativa subjetiva na relação educativa. Observar e sentir as coisas (“primeiro a coisa, depois, o modo da coisa”) em termos de comparação, funcionava como o relé¹²: a sensibilidade recebe a energia da observação e a transforma em energia maior do conhecimento.

2. O livro escolar leva em consideração as “faculdades naturais”, uma forma de atendimento subjetivo que favorece a aquisição cumulativa dos conhecimentos.
3. O livro escolar, ao dividir o conhecimento em ensinamentos de parcelas, fragmentou o conhecimento, mas, essa fragmentação permitiu o saber-fazer as coisas úteis e socialmente necessárias. O didático alinhou o conhecimento ao saber dos técnicos das artes, ou, ao saber fora das universidades, ou ainda, à transformação do trabalhador artesão em trabalhador manufatureiro.

É preciso verificar como operava a organização do trabalho social da manufatura, a fim de observar a subjetividade das atividades, previstas e executadas, em meio ao trabalho alienado. Ali, a produção era realizada pelo trabalhador coletivo, constituído de muitos trabalhadores parciais (MARX, 1980, p. 400). Isso significa que o trabalhador parcial não produzia nenhum produto. Realizava uma função única, limitada e devia fazer manejos simples que cada ser humano sabia fazer. Trabalhava de forma manual e dependia de sua força, habilidade, rapidez e segurança, ao manejar seus instrumentos. (MARX, 1980, p. 389).

O trabalhador coletivo realizava a produção “com suas muitas mãos armadas com ferramentas” e transformava as diversas operações parciais em “justapostas no espaço. Daí, o fornecimento de maior quantidade de mercadorias acabadas no mesmo espaço de tempo” (MARX, 1980, p. 395)

A produtividade do trabalho dependia não só da virtuosidade do trabalhador parcial, mas também da perfeição de suas ferramentas. O período manufatureiro simplificou, aperfeiçoou e diversificou as ferramentas, dando uma forma especial para cada uso do trabalhador parcial.

Justifica-se a permanência da subjetividade nos instrumentos de ensino pelo que Marx escreveu sobre essa primeira fase do capitalismo. Para ele, a manufatura caracterizava-se pelo uso de instrumentos de trabalho, manejados por mãos humanas, que indicam aspectos subjetivos no trabalho social, em meio à coisificação das relações de produção.

¹² Expressão usada por Evelyne Héry (1999). Um Siècle de Leçons d’Histoire: L’histoire enseignée au lycée, 1870-1970. Presses Universitaires de Rennes.

A organização do trabalho social da manufatura decompunha o ofício manual, especializava as ferramentas, formava os trabalhadores parciais, agrupando-os e combinando-os num mecanismo único, resultando na objetivação e a na simplificação do trabalho. No entanto, o ofício manual, como princípio regulador da produção social, constituindo o fundamento da manufatura, mantinha também algum caráter subjetivo do trabalho: “Na manufatura, a organização do processo de trabalho social é puramente subjetiva, uma combinação de trabalhadores parciais” (MARX, 1980, p. 439).

Em Cöthen, cada professor elaborou seu próprio manual didático de uso. Essa disposição tinha um elemento subjetivo na relação educativa que amenizava a objetividade do manual. A organização do trabalho social na manufatura também se apresentou na organização do trabalho didático, de forma decisiva. A classe não só era regida por um único professor que utilizava o instrumento único do trabalho didático, mas, cada professor ministrava apenas uma matéria, o que caracterizava a especialização do trabalho didático. Esse aspecto diferencia o *modus parisiensis* do trabalho didático manufatureiro, conforme escritos de Alves.

Passaremos a analisar este aspecto com mais detalhes.

Havia uma tendência à divisão completa do trabalho na fabricação das mercadorias que estabeleceu a simplificação e a objetivação do trabalho. A Arte de Ensinar estava baseada nessa divisão, configurada pela seriação por classes, divisão dos conteúdos, tempo cronometrado das atividades e pela ordem e disciplina nas lições. A razão de a atividade individual e autônoma continuar a ser sentida como ação subjetiva era porque a relação do indivíduo com o mercado ainda resultava opaca e o trabalhador não sentia a opressão de leis supra-individuais e desumanas do mercado. Kofler apresenta esta ideia:

Enquanto a produção capitalista de mercadorias não chega a ser a forma econômica por completo dominante, também, em sua essência, a relação coisificada de mercado não aflora de maneira limpa como “lei”; a opacidade das relações ainda não produz a idéia dessa lei que somente pode impor-se ao indivíduo quando este adquire a consciência concludente de que sua atividade caiu numa dependência direta e passiva frente aos processos “desumanos” que é o caráter das leis restritas (KOFLER, 1966, p. 234).

Em termos análogos, a atividade do mestre-do-ensino, ao utilizar o livro escolar na relação educativa, permitia o sentimento de ser livre e autônomo na atividade docente. Tendo o auxílio de compêndios, guias e tabelas, o mestre-do-ensino sentia-se bem em organizar ele próprio sua lição. Mesmo os obstáculos, causados pela divisão do trabalho, estabelecida no livro didático, não impediam a ação e a vontade do indivíduo ou eram considerados como óbices momentâneos que a prática iria desfazer.

Na concepção de Ratke, a lei que se devia seguir era a lei da natureza porque significava a liberdade e provinha de Deus. Seguir o curso da natureza impunha-se à razão humana como o único método do agir. A Didática seguia o curso da natureza e oferecia o livre operar e a livre arte de ensinar, harmônica, prazerosa, fácil, cômoda e agradável.

Para entender melhor a objetivação do trabalho, utilizo a sombra que a estende e a acompanha: a disciplina, exigida pelo Método, é que garantia o trabalho objetivado. A

disciplina escolar é uma condição de possibilidade negativa de toda a instrução. É negativa porque constringe, obriga e interdiz a vontade livre. É uma ação regulamentada sob o comando das normas racionais; logo, imperativas. Para o didático, porém, a disciplina é mediação para a conquista da autonomia e da liberdade. É parte integrante da formação do indivíduo. Para ele, disciplina é instrução (*Unterweisung*). Trata-se de um conceito que, para o aluno, se resume em: prestar atenção, somente falar quando solicitado, somente produzir algo quando apreendeu bem a matéria, repetir até obter a apreensão do conteúdo e, só depois, submeter os alunos aos exames. Fazer as tarefas das aulas pertence à obrigação do aluno, mas, Ratke é radicalmente contra fazer tarefas em casa, por considerar um sofrimento desnecessário, afirmando que, para isso, o mestre está aí, impedindo que o aluno ultrapasse os limites de sua faculdade de conhecer. Nessa ótica, as recreações de 1 hora após 1 hora de aula faziam parte necessária da organização escolar.

A disciplina escolar, para o didático, era a concentração do aluno naquela hora do ensino. O mau comportamento do que hoje denominamos “indisciplina” nada tinha a ver com o mestre. O *escolarca*¹³ devia encarregar-se dela, dentro e fora da classe e aplicar as punições cabíveis, sem nunca bater no aluno. (RATKE, 2008, p. 57).

A disciplina faz parte da objetivação do trabalho, pois, sem aquela, esta não se efetua. É valorizada por Ratke na formação do aluno, tem a conotação de conquista da autonomia e, por isso, também contém uma contribuição positiva à formação do indivíduo. Assim, a ordem natural da disciplina não é oposta à ordem da liberdade. Ambas concorrem para a formação. A disciplina, portanto, é apenas uma oposição momentânea à liberdade; logo que se domina a arte do conhecimento, ela se desfaz. A trajetória da disciplina à autonomia é natural e, por esta condição, também é simples,

Nos textos de Ratke, o trabalho didático objetivado, prescrito no livro, constitui-se para o mestre apenas uma oposição momentânea que se resolve na conquista da plena individualidade; e a sua extensão, a disciplina, põe-se como um caminho que leva à autonomia do indivíduo.

Conclusão

Investigamos a Didática de Ratke, as funções que ele atribuiu aos instrumentos de ensino, as dificuldades em implementar uma escola com seu Método e a contribuição de sua organização do trabalho didático para a intervenção ativa no processo da educação.

Para o didático alemão, os indivíduos são dotados pela natureza, mas, terão que descobrir os meios adequados para realizar ativamente sua subsistência. Os instrumentos são descobertos e colocados à disposição dos homens e da sociedade através da instrução (*Unterweisung*), principalmente através da instrução de tudo. (*Allunterweisung*). Os instrumentos são considerados pelo trabalhador, seja manufactureiro ou didático, como extensão de suas mãos. Posteriormente, na maquinaria, seriam considerados como inimigos do trabalhador.

¹³ O inspetor responsável para manter a ordem e a disciplina na escola.

A natureza é boa conselheira, mas, para o homem realizar seus fins, deve tornar-se capaz de colocar-se sob a tutela de suas próprias mãos e da sua razão, porque ela é impotente para efetuar o plano do indivíduo e da sociedade. Sua colaboração é oferecer os instrumentos adequados e ensinar a usá-los corretamente. O autor considera que a utilidade dos instrumentos consiste no “caminho mais curto para aprender as línguas com mais segurança e mais facilidade”, (RATKE, 2008, p. 128), porque torna simplificado o trabalho didático: “Ratke simplifica o ensino pela variedade, pela redução do número de horas de estudo e pela utilização de livros escolares adaptados” (Helvicus e Jungius. Apud: RIOUX, 1963, p. 248).

A organização do trabalho social da manufatura inspirou os educadores modernos, Ratke e Comenius, a compor uma organização do trabalho didático de base nova. O estudo sobre os instrumentos didáticos de Ratke investiu num conceito amplo de Didática, não só reservado às classes de ensino, mas, também, como orientação aos jovens fora da aula, com a função social de propagar a doutrina reformada e de preparar a nova sociedade burguesa em andamento, mediante uma nova base de instrução. Aqui, reside, essencialmente, a Nova Arte de Ensinar, Didática ou Método. Trata-se de uma nova organização do trabalho didático que envolve uma relação educativa de muitos alunos a aprenderem com um único professor especializado, num espaço físico próprio, utilizando o recurso didático por excelência que é o livro didático. As operações parceladas, previstas no livro escolar e trabalhadas por um único professor especializado, traduzem essa nova organização escolar. Nessa visão, os instrumentos didáticos – livros escolares, livros de ensino, compêndios, tabelas – tiveram papel primordial para implementar as lições e para efetuar o plano do indivíduo e da sociedade.

O trabalho conclui que os livros de leitura e livros escolares têm, geralmente, a estrutura do manual didático, criado, mais tarde, por Comenius, e compõem-se por meio da divisão de classes, de parcelas diárias do conhecimento, de um professor que se especializou na sua matéria e dos passos previstos na sua metodologia, com o tempo determinado.

A função da Didática ratiqiana não termina em sala de aula. Os denominados *Leitfaden* foram elaborados também para a juventude fora da escola e redigidos da forma em que os alunos conseguissem facilmente apreendê-los. Comenius também mantinha este mesmo objetivo. Orientou-se pela reforma luterana e pelo objetivo nacional de preparar os jovens para a nova sociedade. Ele tinha um horizonte de falcão em seus olhos.

O texto conclui com a importância dos manuais didáticos na obra de Ratke e afirma que o manual didático comeniano, confeccionado de tal forma que contém tudo o que o professor necessita para sua aula, não está totalmente presente nos recursos didáticos ratiqianos. A maior parte dos livros escolares do didático alemão apresenta-se como um guia, útil para fornecer ao professor um fio condutor, no intuito de a subjetividade do mestre-do-ensino organizar o trabalho didático. Tal foi, também, a instituição do manual didático, não-comeniano, que imperou no Brasil, até inícios do século XX, conforme

estudos do grupo de pesquisa HISTEDBR-MS, que analisou os manuais didáticos do Colégio Dom Pedro II.

Referências

- ALVES, Gilberto Luiz. (2005a) **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campinas: Ed. Autores Associados/UFMS.
- ALVES, Gilberto Luiz. (2005b) **O Trabalho Didático na Escola Moderna**. Campinas: Autores Associados.
- ALVES, Gilberto Luiz. (2011) **A Organização do Trabalho Didático: a questão conceitual**. (Mimeo).
- DAUMAS, Maurice (dir). (1962) **Les Origines de La Civilisation Technique**. Paris: Presses Universitaires de France.
- HAMMERSTEIN, Notker (org) (1992) **Handbuch der deutschen Bildungsgeschichte**. Band I. München: Verlag C. H. Beck.
- HOFF, Sandino. (1996). Textos Fundamentais. Ângelo Policiano. **Revista InterMeio**. Campo Grande: Mestrado em Educação da UFMS.
- HOFF, Sandino. (2008) Apresentação. In: RATKE, Wolfgang. **Escritos sobre a Nova Arte de Ensinar (1571-1635)**. Campinas: Autores Associados.p. 1-26.
- HOFFMANN, Franz. (1974) **Das Schulbuchwerk W. Ratkes zur Allunterweisung**. Düsseldorf: Aloys Henn Verlag.
- HOHENDORF, G. (1957) Einleitung (Introdução). **Die Neue Lehrart paedagogischen Schriften Wolfgang Ratkes**. Berlin:Volk und Wissen Volkseigener Verlag.
- ISING, Erika. (1959) **Wolfgang Ratkes Schriften zur Deutschen Grammatik (1612-1630)**. Berlin: Akademie Verlag.
- JULIA, Dominique.(2001) A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Ed. Autores Associados, SBHE, n° 1, p. 9-43.
- KOFLER, L. (1966) **Zur Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft**. Berlin: Verlag GmbH.
- MARX, K. (1980) **O Capital**. Rio: Civilização Brasileira.
- MUMFORD, Louis.(1988). **Histoire Mondial de Science**. Paris: Le Seul.
- RATKE, W. A (2008) **Arte de Ensinar de Wolfgang Ratke (1571-1635)**. Textos Escolhidos. Campinas: Autores Associados.Tradução e Apresentação de Sandino Hoff.
- RIOUX, G. (1963) **L'oeuvre Pédagogique de Wolfgangus Ratiqius**. Paris:J. Vrin.
- SAVIANI, Dermeval. (1980) **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados.
- SCHMIDT, Herbert (org.). (1994) **Die SittenLehr der Christlichen Schule**. Obersthausen: Context Verlag.

*Recebido em novembro de 2011
Aprovado em abril de 2012*